

## 5. Conclusão

A fragilidade e vulnerabilidade humana nos primeiros anos de vida ocorrem porque possuímos, ao nascermos, uma habilidade sensorial, física, cognitiva e emocional em formação. Para que a criança sobreviva, é necessário que alguém cuide de suas necessidades básicas. O apego é fundamental para essa sobrevivência, ocorrendo em todas as culturas e sendo indispensável para a vida em sociedade, na medida em que o desenvolvimento social se dá devido a essa capacidade de manter relações interpessoais.

“(…) em organismos, estrutura e função só põem desenvolver-se num determinado meio ambiente e que, embora a hereditariedade seja poderosa, a forma exata que cada um adquire dependerá da natureza desse meio ambiente.” (Bowlby, 2006, p.47)

Fundamentada nas teorias da etologia e da evolução, a teoria da vinculação de Bowlby (2002) foi estruturada sobre o conceito da existência de um sistema comportamental que regula os comportamentos de busca por proximidade e a manutenção de contato da criança com indivíduos específicos que venham a fornecer segurança física ou psicológica. É uma relação prolongada que ativa as condutas de apego, e que acontece com umas poucas pessoas significativas que servem como fonte de proteção frente às situações de perigo, e regulação frente ao stress (físico e psicológico). Bowlby (2002) afirma que as relações de apego se dão com poucas pessoas na vida de cada, já que implica um desenvolvimento prolongado de uma relação afetiva e que possui altos componentes de ajuda, proteção e regulação.

Uma das características importantes do apego é a regularidade/irregularidade dos processos de regulação do *stress* que se transforma em um modelo mental de apego no bebê. É importante remarcar que a teoria do apego fala de “cuidador” para referir-se a essa figura significativa com a qual o bebê desenvolve um vínculo de apego. Para Bowlby (2002), o modo como as relações precoces influem posteriormente na vida é por meio do

desenvolvimento de um modelo mental de apego, pelo qual atua um processo cognitivo/afetivo que permite antecipar a disponibilidade do cuidador, a imagem de si - mesmo do bebê, dos outros, das relações, e das estratégias de regulação (Bretherton & Munhlland, 1999). Cada estilo de apego possui um modelo mental específico, que vai influir posteriormente na capacidade da pessoa para relacionar-se com os outros, comunicar-se, regular suas emoções, desenvolver as cognições.

“(…) há um consenso hoje de que a dinâmica relação entre a previsão genética (natureza) e os primeiros cuidados (epigenética), tem um impacto decisivo e duradouro sobre o modo como os bebês se desenvolvem, sua capacidade de aprender e regular as próprias emoções.” (Cunha, 2001, p. 115)

A ativação das condutas de apego depende da avaliação por parte do bebê de um conjunto de sinais do contexto que dão como resultado a experiência subjetiva de segurança ou insegurança. Nenhum de nós nasce com a capacidade de regular nossas próprias reações emocionais. Um sistema regulador diádico se desenvolve para que os sinais dos bebês em seus estados, de momento a momento, sejam entendidos e respondidos pelos seus pais ou cuidadores permitindo, portanto, alcançar a regulação de seus estados emocionais. A figura de apego estará ali para restabelecer o equilíbrio. Em estados de ativação emocional incontrolável, o bebê irá buscar proximidade física com seu cuidador com a esperança de ser acalmado e de recobrar a homeostase. Suas experiências passadas com suas figuras de apego são incorporadas em seus sistemas representativos, ou modelos funcionais internos.

“Temos inúmeras razões para pensar que, da mesma forma, as experiências emocionais em determinados estágios da vida mental, muito precoces e especiais, podem produzir efeitos vitais e duradouros.” (Bowlby, 2006b, p.7)

As experiências infantis, mesmo as mais precoces, têm papel importante na formação da personalidade. Essas experiências são frutos da interação de aspectos constitucionais e ambientais. A mãe é o primeiro ambiente da criança. A importância do ambiente no desenvolvimento da criança é notória na vinculação afetiva e seria a responsável pelo estabelecimento na criança da confiança e da segurança para explorar e apreender o mundo. A detecção

precoce de características individuais que podem influenciar o desenvolvimento da criança, bem como a associação entre fatores constitucionais e ambientais no processo desenvolvimental, contribuem para a promoção do desenvolvimento da criança, assim como para a prevenção de problemas de saúde mental.

“As tarefas e conquistas essenciais do amadurecimento ocorrem na etapa mais primitiva da vida, durante a qual o bebê vive em estado de dependência absoluta, e depois relativa, dos cuidados maternos. (...) Esses estágios primitivos podem, portanto, ser ditos fundamentais, no sentido literal de que é nesse período que estão sendo constituídas as bases fundamentais da existência, ou seja, os alicerces da personalidade e da saúde psíquica.” (Dias, 2003, p.98)

Antigamente era amplamente aceito que a citoarquitetura do cérebro estava estabelecida no nascimento, em decorrência das características herdadas dos pais. Sabe-se nos dias atuais, que ocorre substancial parcela de desenvolvimento cerebral no período entre a concepção do novo ser e o primeiro ano de vida. Hoje, tem-se uma nova compreensão de como agem os estímulos sobre as experiências vivenciadas pela criança antes dos três anos, de maneira como influenciam a circuitaria das redes neuronais deste cérebro em crescimento. Há uma intensa interação entre a estimulação precoce, via órgãos dos sentidos e a carga genética. Como consequência, produz-se um efeito decisivo no desenvolvimento cerebral da criança, com impacto de longa duração na fase adulta. O desenvolvimento do cérebro humano é mais do que natureza (patrimônio genético) versus criação (vivências, meio ambiente, cultura), mas uma substancial ênfase na interação (Shonkoff; Phillips, 2000).

A constatação de que a maior parte da estrutura básica e funcionamento do cérebro se estabelece no começo da infância, desencadeou uma série de questionamentos sobre como a emoção e padrões de resposta aos estímulos externos ou ao estresse se desenvolvem. Parece que uma vez que os sistemas de regulação, por exemplo o emocional se organiza nos primórdios da vida, é difícil modificá-los mais tarde. O tronco cerebral completa seu desenvolvimento já no feto a termo, ao passo que outras estruturas continuam sendo passíveis de plasticidade neuronal durante toda vida (Fisher; Rose, 1998). A neurociência cognitiva sugere o que parece ser “períodos críticos” do desenvolvimento da criança. Estimulação sensorial positiva, como carinho da mãe, fortalece e

aumenta a longevidade sináptica. Esta condição, presume-se, reflete no desenvolvimento cognitivo acelerado, emoções equilibradas, apego e capacidade de responder positivamente a novas experiências.

A habilidade do cérebro em reagir aos estímulos estressantes é fortemente influenciado a partir de seu desenvolvimento nos primeiros anos. Em contrapartida, a habilidade de resposta aos estímulos influencia a qualidade do raciocínio e a regulação das funções corporais. A qualidade da estimulação sensorial no início da vida da criança ajuda a esculpir os circuitos neuroendócrinos e neuroimunes do cérebro. A relação entre o complexo “psiconeuroendoimune” fixada no começo da vida e maneiras de lidar com os acontecimentos, influenciam a aprendizagem e comportamento nos anos vindouros (Lekander, 2002).

“(…) a maturação estrutural do cérebro na infância, representa essencialmente a possibilidade de desenvolvimento de sistemas funcionais auto-regulatórios mais complexos e essenciais para a saúde mental.” (Cunha, 2001, p.115)

Cada indivíduo percebe e interpreta a informação do ambiente externo de forma particular. O sistema imune influencia as funções cerebrais refletindo-se sobre manifestações do comportamento, como medo, raiva, amor e riso. Estudos feitos com animais e observação de crianças em situação de laboratório, desde os primeiros anos, mostram que os cuidados maternos engatilham programas que induzem o eixo hipotálamo-hipófise-adrenais, a responder de maneira equilibrada a situações estressantes ao longo do ciclo vital. (LeDoux, 2001) O cuidador é o mediador de muitos comportamentos que a criança desenvolverá, regulando sua atenção, curiosidade, cognição, linguagem, emoções, entre outros. Quando a criança é privada dessa relação, ela desenvolve angústia, exagerada necessidade de amor, fortes sentimentos de vingança e, em consequência, culpa e depressão<sup>1</sup>.

---

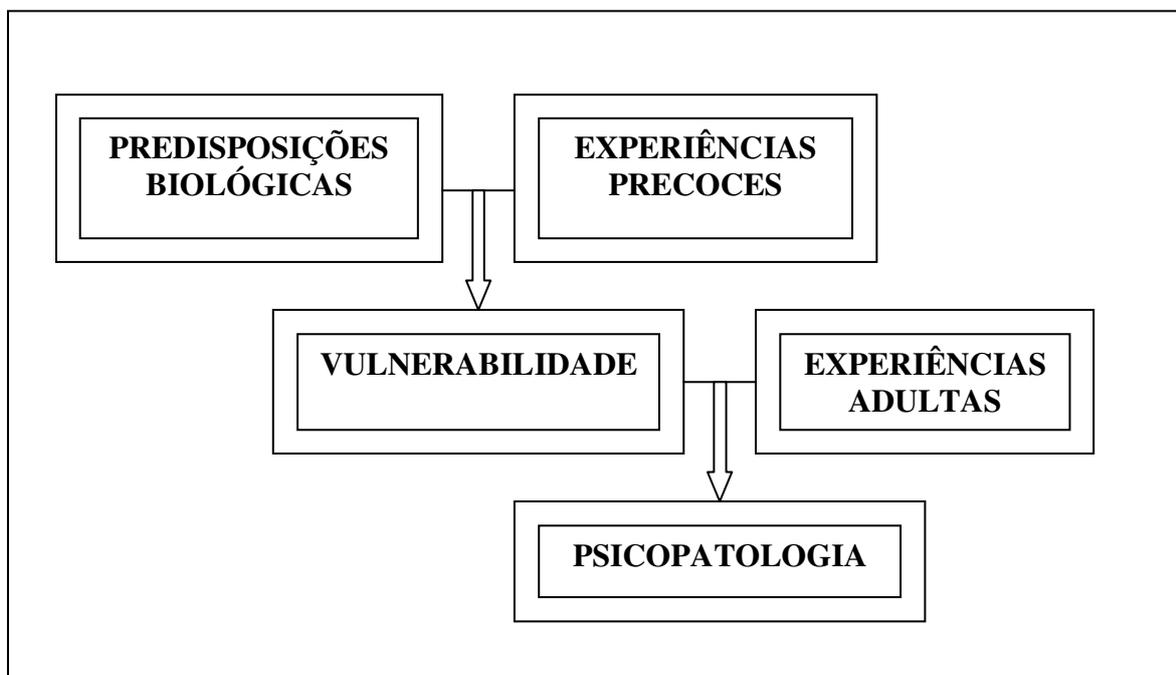
<sup>1</sup> Nesse sentido, um comportamento de esquiva por parte de uma criança a uma pessoa que lhe ofereça afeto seria considerado adaptativo, pois impediria o sentimento de rejeição ou negligência novamente, trazendo o perigo das crianças apresentarem comportamentos anti-sociais na adolescência e idade adulta'

As crianças têm diferentes oportunidades no seu desenvolvimento, dadas por seus atributos pessoais (físico e mental) e pelo meio social em que vivem. Podem ocorrer ameaças diretas ao desenvolvimento geradas por problemas genéticos e biológicos adquiridos, embora isso possa ocorrer também pela ausência de oportunidades esperadas. Em síntese, as formas pelas quais se manifesta o risco de dificuldades quanto ao desenvolvimento infantil podem estar relacionadas ao substrato biológico, à continuidade direta ou indireta de entraves ambientais e a processos cognitivos.

“Se o DNA humano carrega a memória genética do futuro ser, determinando-lhe a forma física, seu formato psíquico vai depender dos estímulos a que será submetido desde a vida intra-uterina. A evolução selecionou os estímulos adequados para gerar as estruturas cerebrais compatíveis com os períodos críticos de desenvolvimento cerebral (...). Ou seja, a previsão genética (...) necessita de uma experiência epigenética (...) própria para cada fase de formação do cérebro.” (Cunha, 2001, p.120)

### Esquema 1

#### Processos envolvidos no desenvolvimento de uma psicopatologia



Baseado em Winograd, M., Coimbra, C. A. Q. & Ladeira-Fernandez, J. (2007). O que se Traz para a Vida e o que a Vida nos Traz: Uma Análise da Equação Etiológica Proposta por Freud à Luz das Neurociências. IN:

Como se pode observar na figura 14 a relação entre predisposição biológica e experiência precoce é indissolúvel no que diz respeito ao desenvolvimento de uma maior vulnerabilidade psíquica, fato que pode facilitar a aparição de uma afecção psicológica. Os resultados negativos no desenvolvimento são produzidos pela combinação de fatores de risco genéticos, biológicos, psicológicos e ambientais, geralmente envolvendo interações complexas entre eles.

Para concluir:

“A conclusão mais importante a que se pode chegar com base nos recentes estudos que integram a análise do comportamento e da função cerebral, é que mesmo para o bebê portador do pior gene, capaz de determinar-lhe uma doença genética com ou sem envolvimento do sistema nervoso ou em patologias como o autismo e a epilepsia, cuja origem estaria na interferência do processo de migração neuronal, uma experiência interativa segura, empática e de afetos positivos, pode fazer grande diferença no desenvolvimento futuro. Da mesma forma, um bebê dotado dos mais perfeitos genes, que interage de forma assintônica com seu cuidador, pode desenvolver distúrbios que vão desde simples inadequações comportamentais até a psicopatologia.” (Cunha, 2001, p.115)